



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 06, pp. 56772-56777, June, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24642.06.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

EXPERIÊNCIAS E AÇÕES DE ENFRENTAMENTO A TRANSFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho¹ Larissa Layne Soares Bezerra Silva¹, Paula Daniella de Abreu², Josueida de Carvalho Sousa⁴, Izabel Cristina Brito¹ and Ednaldo Cavalcante de Araújo¹

¹Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco

²Departamento de Enfermagem, Universidade de São Paulo

³Departamento de Enfermagem, Universidade Católica de Pernambuco

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th March, 2022

Received in revised form

17th April, 2022

Accepted 19th May, 2022

Published online 28th June, 2022

Key Words:

Educação em Saúde, Enfermagem, Pessoas Transgênero, Transfobia, Transexualidade.

*Corresponding author:

Kilma Manso R. da Rocha

ABSTRACT

Objetivo: analisar a produção científica sobre a transexualidade na escola e as ações destinadas ao combate à transfobia. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada em outubro de 2020, nas bases de dados: LILACS, IBECs, BDNF, ADOLEC, MEDLINE, SCOPUS, CINAHL e COCHRANE. Para extração dos artigos foram realizados três cruzamentos com o operador booleano OR entre descritores transexualism, “transgender persons”, transphobia, transgenders, “gender identity”, e o operador AND para direcionar as buscas com os descritores school (1º cruzamento), “health education” (2º cruzamento), e “educational technology” (3º cruzamento). A estratégia de busca foi aplicada sem recorte temporal resultando em 1.983 publicações, sendo sete selecionadas como amostra final. **Resultados:** Os estudos demonstraram experiências negativas de assédio, *bullying*, pouco pertencimento escolar e clima desfavorável para estudantes transexuais. Algumas ações mostraram-se eficazes na inclusão da temática da transexualidade na escola e podem ser adotadas em outras realidades escolares. **Conclusão:** É necessário ampliar a discussão da temática nas escolas e a produção científica com vistas a impactar na equidade social e na saúde mental e escolar de pessoas transexuais.

Copyright © 2022, Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho, Larissa Layne Soares Bezerra Silva, Paula Daniella de Abreu et al. “Experiências e ações de enfrentamento a transfobia no contexto escolar”, *International Journal of Development Research*, 12, (06), 56772-56777.

INTRODUCTION

No cotidiano de crianças e adolescentes transexuais, a escola configura-se como ambiente de repressão com evasão escolar, decorrentes do preconceito e constantes situações de transfobia geradas por estudantes e professores: o não reconhecimento do nome social, a falta de acesso ao banheiro/vestuário de acordo com a identidade de gênero, exclusão nas atividades físicas devido a divisões binárias e o cotidiano marcado por *bullying*, violência física, psicológica e negligência (NELI, 2018; CARAVACA-MORERA, PADILHA, 2018; FEDORKO, BERREDO, 2017). O Relatório da UNESCO em 2016, que analisou dados sobre violência relacionada à escola de 94 países e territórios, revelou que as crianças sujeitas a *bullying* transfóbico na escola correm maior risco de desenvolver problemas de saúde mental como ansiedade, depressão, baixa autoestima, falta de confiança, automutilação e comportamento suicida. No mundo, estudantes transexuais do ensino médio experimentam altos níveis de assédio, violência e ameaças à sua segurança e maiores taxas de suicídio do que pares cisgêneros (MURCHISON, et al. 2019; MILLERA, MAYOB, LUGGC, 2018).

Os pais de crianças transexuais no ensino fundamental/médio também relatam altos níveis de *bullying* com seus filhos por colegas cisgêneros, juntamente à falta de atenção comum a crianças transexuais nas políticas anti-*bullying* da escola, falta de compreensão e apoio dos funcionários, e exclusão (WESTWATER, RILEY, PETERSON, 2019). A escola, entretanto, não é só ambiente de repressão, mas um espaço privilegiado para o encontro da educação e saúde, no enfrentamento às vulnerabilidades que permeiam o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes transexuais (BARTHOLOMAEUS, RIGGS, 2017). No Brasil, o enfermeiro se destaca como profissional operador nas atividades de promoção da saúde mediante a Política Nacional de Atenção Básica/PNAB, com os Núcleos de Apoio à Saúde da Família/NASFs nas dimensões clínico-assistencial e técnico-pedagógica, em ações do Programa Saúde na Escola (PSE) devendo, portanto, participar do planejamento e ações de educação para a diversidade de gênero e combate à transfobia na escola. As estratégias educacionais devem promover a criticidade e autonomia dos alunos nas escolas, praças, igrejas, domicílios e demais espaços do território delimitado segundo a área de abrangência da Estratégia Saúde da Família/ESF (COSTA, et al. 2020).

As estratégias educacionais que propiciam arenas dialógicas sobre a transfobia e *bullying* transfóbico vem romper com a invisibilidade, gerando algumas mudanças nas escolas. Leis e políticas em alguns locais incentivam estudantes, professores, líderes de escolas e membros da comunidade a colaborar no sucesso dos alunos transexuais e na educação sobre a diversidade de gênero (DAY, PEREZ-BRUMER, RUSSELL, 2018). É fundamental considerar as variadas experiências dos jovens e profissionais envolvidos na educação sobre seus entendimentos quanto a identidade de gênero para traçar as mudanças que podem ser feitas nas escolas e assim ajudar os profissionais a entender como as inovações políticas e curriculares podem fortalecer a inclusão de crianças e adolescentes transexuais na escola e assim lhes oferecer condições igualitárias para o mundo do trabalho. A escola como um cenário do cuidar do Enfermeiro deve ser foco de suas ações para prevenção de problemas de saúde mental e casos de violência a crianças e adolescentes transexuais, e por isso deve ser membro ativo no planejamento de ações.

Conhecer a produção do conhecimento científico acerca da introdução da transexualidade nos componentes e atividades curriculares bem como as ações que estão sendo desenvolvidas para o combate à transfobia na escola possibilitará identificar possíveis lacunas e direcionar novas pesquisas que contribuam para o planejamento de atividades intersectoriais com articulação entre educadores e profissionais de saúde em prol da inclusão e da saúde física e mental de crianças e adolescentes transexuais. Diante do exposto, elaborou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Quais as evidências científicas sobre experiências de abordagem da transexualidade e ações desenvolvidas por estudantes, educadores, funcionários e diretores para combater a transfobia na escola?. Assim, esse estudo tem como objetivo analisar a produção científica sobre a transexualidade na escola e as ações destinadas ao combate à transfobia.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujo processo de preparação pautou-se em seis etapas: 1) identificação do tema e elaboração da pergunta norteadora; 2) busca na literatura; 3) coleta de dados e categorização dos estudos; 4) análise crítica dos estudos; 5) discussão dos resultados; e 6) apresentação da revisão integrativa (SOUSA, *et al.* 2017). A pergunta norteadora foi elaborada por meio da estratégia PICo (SOUSA, *et al.* 2017), onde “P” representa a população: estudantes, educadores, funcionários e diretores; “I” denota o fenômeno de interesse: experiências de abordagem da transexualidade e ações para combater a transfobia; e “Co” revela o contexto: escola. A realização das buscas nas bases de dados ocorreu em outubro de 2020, por dois pesquisadores, por meio do Portal de Periódicos CAPES, com acesso disponibilizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Optou-se pelas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe (LILACS), Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde (IBECs), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), ADOLEC, *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), SCOPUS, *Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature* (CINAHL), e a COCHRANE. Para extração dos artigos foram realizados três cruzamentos com descritores controlados do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), do *Medical Subject Headings Section* (MeSH) e seus *entry terms*, separados por lógica booleana, com operadores OR entre descritores transexualism, “transgender persons”, transphobia, transgenders, “gender identity”, e AND para direcionar as buscas com os descritores school (1º cruzamento), “health education” (2º cruzamento), e “educational technology” (3º cruzamento). A Figura 1 descreve o fluxograma da seleção dos estudos para a revisão integrativa, baseado no modelo PRISMA (MOHER, *et al.* 2015). Para este estudo foram incluídos os artigos originais que abordaram a temática da transexualidade/transfobia na escola, nos idiomas português, inglês ou espanhol, sem recorte temporal. Foram excluídos artigos duplicados, sendo contabilizados uma única vez na base com maior número de

publicações, dissertações, teses, manuais, editoriais e artigos reflexivos ou de revisão de literatura/integrativa/sistemática. A seleção dos artigos primários ocorreu inicialmente com a exportação dos estudos das bases de dados para o software gerenciador de referências ZOTERO (ROY, 2020), para a extração dos duplicados. Em seguida, para a composição dos quadros dos trabalhos que participaram desta pesquisa, com base nos critérios de elegibilidade, optou-se pela utilização do aplicativo internet Rayyan Qatar Compiting Research Intitute – Rayyan QCRI (OUZZANI, *et al.* 2016). A seleção dos estudos extraídos ocorreu por pares, e quando houve empasse sobre a inclusão de artigos, um terceiro revisor participou para o estabelecimento de consenso. Os dados extraídos para a análise qualitativa dos artigos tiveram por base o instrumento elaborado e validado (URSI, GALVÃO, 2006), e foram compilados em planilha do Microsoft Excel com a finalidade de apreciação dos itens: título, autor, ano e país de publicação, periódico, nível de evidência, objetivo e principais resultados. Nove artigos foram pré-selecionados e submetidos ao processo de avaliação do rigor metodológico por meio do formulário padronizado do Critical Appraisal Skills Programme (CASP, 2013), adaptado para contemplar todos os desenhos de estudo presente na amostra. Este check-list contempla 10 questões, para cada uma delas pode ser atribuída a resposta/pontuação: sim (1 ponto); em parte (0 ponto); não (0 ponto), com *score* entre 0 à 10. A pontuação igual ou superior a 6 (classificação A) indica que o estudo deve ser incluído na revisão, enquanto a pontuação igual ou inferior à 5 (classificação B) caracteriza baixo rigor metodológico. Nessa etapa, dois estudos foram excluídos, pois obtiveram pontuação inferior à 5, sendo a amostra final composta por sete estudos. O nível de evidência foi identificado da seguinte forma: nível I - revisões sistemáticas ou metanálise; nível II - ensaio clínico randomizado; nível III - ensaio clínico sem randomização; nível IV - estudo de caso controle ou estudo de coorte; nível V - revisão sistemática de estudos qualitativos ou descritivos; nível VI - estudos qualitativos ou descritivos; nível VII - opiniões ou consensos de especialistas (FINEOUT-OVERHOLT, *et al.* 2010). Por se tratar de estudo de revisão, não houve necessidade de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas.

RESULTADOS

O período de publicação variou de 2010 a 2019, todos os estudos foram identificados com nível de evidência VI. Quanto ao idioma, todas as publicações são em inglês. O local de pesquisa predominante foi o Estados Unidos da América/EUA. Em relação ao delineamento metodológico, quatro contemplaram o qualitativo, e três o quantitativo. Os estudos apresentaram abordagens diversificadas sobre a transexualidade e a transfobia na escola, desde entrevistas individuais e grupos focais com professores, profissionais da escola, pais de alunos e crianças, estudos de casom experiências exitosas de inclusão da temática da transexualidade na escola, e aplicação de questionários presencialmente e on-line. Ressalta-se que durante a etapa de levantamento de dados, não foi encontrado nas bases consultadas nenhum artigo proveniente do cruzamento com o descritor “educational technology”, o que sugere baixa produção científica voltada para utilização de recursos educacionais que envolvam a temática da transexualidade e da transfobia. A partir da leitura dos artigos foram identificadas duas categorias temáticas em relação à transexualidade e transfobia no contexto escolar conforme descrito na Figura 2. Os estudos que compõem a categoria 1 refletem percepções, crenças e experiências na escola que envolvem a transexualidade, e a síntese dos resultados estão descritos no Quadro 1. No Quadro 2 está a síntese dos artigos que compõem a categoria 2, que abordam experiências de ações de inclusão da transexualidade e combate a transfobia na escola.

DISCUSSÃO

As experiências escolares com a transexualidade mostram que a inclusão da diversidade de gênero nesse cenário constitui um desafio por conta do preconceito e a cultura heteronormativa de professores, funcionários, pais e dos próprios alunos.

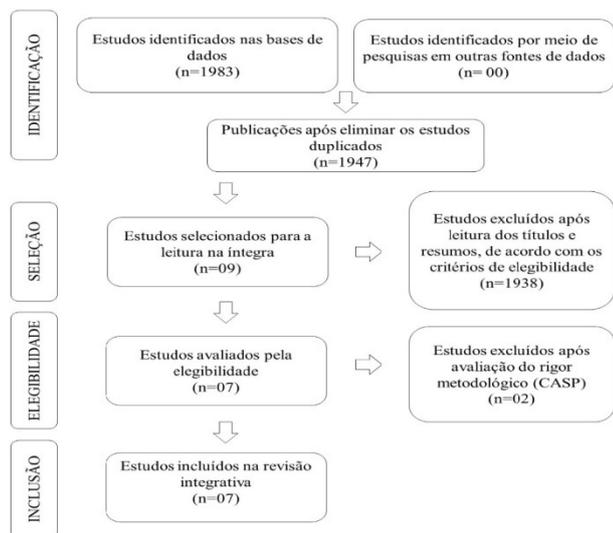


Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos. Recife, Brasil, 2020

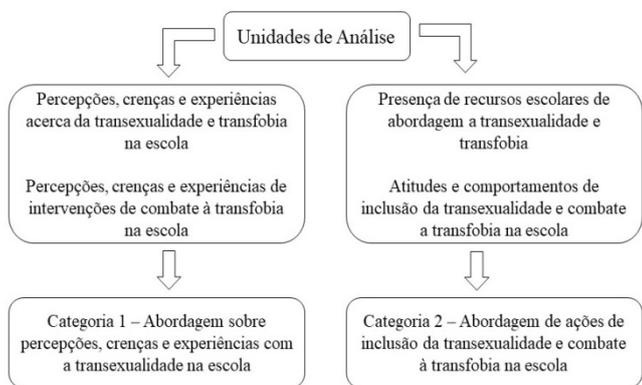


Figura 2. Fluxograma do processo de categorização dos estudos. Recife, Brasil, 2020

O *bullying* transfóbico, embora esteja mais visível nas escolas, é um problema varrido para baixo do tapete por gestores escolares, o que aumenta a indiferença de funcionários e alunos que testemunham cenas de agressão verbal e até física (APOSTOLIDOU, 2019). Isso é reforçado por resultados de pesquisa realizada com professores e alunos do ensino fundamental onde 98,8% dos alunos relataram já ter testemunhado agressões, e 49,9% não tomaram nenhuma atitude (BROOCKMAN, KALLA, 2019). A falta de reconhecimento e respeito pela identidade de gênero de pessoas trans na escola culmina com o aumento do assédio e agressão física nessa população pelos mais variados motivos, sejam eles ligados à sua expressão de gênero ou não, quando comparado aos demais do grupo LGBT e aos não LGBT (TAYLOR, PETER, 2011). Isso contribui significativamente para crianças e adolescentes transexuais perceberem a escola como um ambiente hostil e de exclusão, gerando sentimento de não pertencimento e isolamento escolar, além de absenteísmo e até a desistência dos estudos por se sentirem inseguros (TAYLOR, PETER, 2011). Adolescentes transexuais são estatisticamente mais propensos a ter problemas de saúde mental e também de sofrer assédio moral e, portanto, precisam ser adequadamente apoiados no ambiente escolar (NEARY, 2018).

Outra questão importante são as avaliações que os estudantes transexuais fazem das intervenções docentes frente as situações de *bullying*, assédio e agressões. A maioria relata que os professores são ineficazes no combate a transfobia, fazendo com que não denunciem por sentirem que os professores não ajudariam. Mesmo assim, os alunos transexuais percebem que o assédio ocorre, na maioria das vezes, na ausência do professor (TAYLOR, PETER, 2011). A percepção da atitude docente frente ao *bullying* difere entre professores e alunos de pesquisa (GREYTAK, KOSCIW, BOESEN, 2013) onde os professores relataram o diálogo com os envolvidos

como principal atitude, enquanto que os alunos apontaram como medidas mais comuns a retirada de sala e encaminhamento à coordenação. A falta de atitude docente pode estar ligada ao seu despreparo para intervir e pela ausência de políticas governamentais específicas para o combate a transfobia na escola (APOSTOLIDOU, 2019), o que reforça a necessidade de desenvolvimento profissional para atender as necessidades de alunos trans de forma direcionada, principalmente para os diretores de escola (ULMAN, 2018). Nesse contexto, urge a inclusão da temática da diversidade de gênero nos currículos da educação básica para atender as demandas dos estudantes transexuais e minimizar o preconceito e a exclusão escolar. A esse respeito, jovens suecos sugerem ênfase nos conteúdos sobre a diversidade sexual e de gênero e uma melhor capacitação para aumento do conhecimento dos professores nessa temática (EKSTRAND, *et al.* 2011), entretanto a discussão de gênero e sexualidade na escola vai além da capacitação docente pois talvez o maior desafio que enfrenta o professor quando lida com essas questões, seja justamente a necessidade de romper com os seus próprios paradigmas, de se colocar num processo contínuo de desconstrução e reconstrução de valores socialmente construídos (PESSÔA, PEREIRA, TOLEDO, 2017). A primeira questão sobre gênero e sexualidade com a qual o professor precisa lidar na escola refere-se ao conflito que pode haver entre o seu papel como o profissional que deve garantir o respeito e a compreensão relativos à diversidade de valores, crenças, condições e escolhas de outrem e as suas escolhas pessoais, que não devem ser apregoadas a ninguém, mas aceitas e respeitadas como as de qualquer outra pessoa (PESSÔA, PEREIRA, TOLEDO, 2017). A esse respeito, o Enfermeiro escolar deve contribuir com a construção de um ambiente favorável para inclusão e o respeito como forma de garantir a saúde de crianças e adolescentes transexuais (COSTA, *et al.* 2020).

No Brasil, a Base Nacional Curricular Comum (2018) para Educação Básica traz como uma das competências gerais a ser desenvolvida, o exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e da cooperação como forma de promover o respeito aos direitos humanos com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais. Outros documentos também mostram a diversidade sexual e de gênero de forma implícita, como a Lei de Diretrizes e Bases para Educação, o que contribui para que a direção de escolas não se posicionem quanto a essa temática tabu na sociedade com normas preestabelecidas de comportamento e expressão de gênero. Destaca-se o resultado de pesquisa realizada por Taylor e Peter (2011) que mostrou que os alunos do grupo LGBT cujas escolas possuíam política anti-transfobia se sentiam menos propensos a serem vítimas de *bullying* e assédio verbal, e os que relataram ter sido abordado temas LGBT na escola apresentaram maior sentimento de pertencimento escolar, reforçando a necessidade do debate da diversidade sexual e de gênero para melhorar o bem estar, a qualidade de vida e a valorização das pessoas transexuais dentro e fora da escola.

Apesar das experiências negativas relatadas nos quatro estudos do Quadro 1 e do desafio de inserir a transexualidade no debate escolar, algumas experiências exitosas de ações de inclusão da temática de gênero, conforme os três estudos do Quadro 2, mostram ser possível trabalhar as questões que envolvem a sexualidade e a identidade de gênero na escola. Estudo de Greytak, Kosciw, Boesen (2013) indica pela experiência de uma professora do ensino primário nos Estados Unidos da América/EUA que as crianças estão preparadas para inclusão curricular da expressão e identidade de gênero através da reflexão de suas próprias vidas de gênero, conforme construídas e vinculadas a regras, para entender o gênero como uma das muitas categorias significativas de diferença e para entender as relações gênero e sexualidade, e identidade e expressão de gênero. Ensinar sobre diversidade de gênero em salas de aula do ensino fundamental significa apoiar e confiar nos professores para essas discussões. Sua capacidade de fornecer linguagem apropriada aos alunos, modelar maneiras de discutir pessoas de diferentes gêneros e compartilhar histórias pessoais que conectavam o currículo à vida dos alunos apoiavam o aprendizado contínuo dos alunos (RYAN, PATRAW, BEDNAR, 2013).

Quadro 1 - Síntese dos artigos incluídos na revisão sobre percepções, crenças e experiências com a transexualidade na escola. Recife, PE, Brasil, 2020

Autores/ Ano/ País/ Base de dados	Título	Delineamento do estudo/ Nível de evidência	Principais resultados
APOSTOLIDOU 2019 Chipre CINAHL	Homophobic and transphobic bullying within the school community in Cyprus: a thematic analysis of school professionals, parents' and children's experiences	Estudo Qualitativo VI	O bullying transfóbico está se tornando mais visível nas escolas, sendo frequentemente testemunhado por funcionários e crianças. Profissionais relataram ter sensação de impotência para combaê-lo pois sentem-se despreparados e por falta de políticas governamentais específicas.
EKSTRAND M, <i>et al.</i> 2011 Suécia ADOLEC	Sex education in Swedish schools as described by young women	Estudo Quantitativo VI	Os entrevistados de 13 a 19 anos tiveram maior chance de serem informados sobre transexualidade. Quase metade considerou "aceitável" o conhecimento adquirido com a educação sexual, mais de um terço considerou "ruim" ou "muito ruim". Os entrevistados sugeriram aumentar as informações sobre a temática, maior ênfase na diversidade sexual e de gênero nas aulas, e elevar o conhecimento professores.
TAYLOR, PETER 2011 Canadá ADOLEC	"We Are Not Aliens, We're People, and We Have Rights"	Estudo Quantitativo VI	As pessoas trans apresentaram maior assédio e agressão física, além de níveis mais baixos de escolaridade, tristeza com relação a escola, mais propensos ao isolamento e a faltar as aulas por se sentirem inseguros. Os participantes que indicaram que suas escolas tinham políticas anti-transfobia relataram ser menos propensos ao bullying e ao assédio verbal. A maioria dos estudantes LGBT via os professores como ineficazes ao abordar assédio, não denunciando por sentirem que eles não ajudariam. Os alunos LGBT que relataram que assuntos LGBT foram abordados apresentaram maior sentimento de pertencimento e melhor clima escolar.
ULLMAN 2018 EUA CINAHL	Breaking out of the (anti)bullying 'box': NYC educators discuss trans/gender diversity-inclusive policies and curriculum	Estudo Qualitativo VI	As representações dos educadores sobre suas escolas se dividiram em dois grupos: aqueles que incluem transgênero como uma iniciativa anti-bullying e trabalham com os requisitos mínimos de política; e aqueles que trabalham além do bullying discursos e estruturas de políticas para conceituar a inclusão transgênero como parte da missão escolar.

Fonte: dados coletados pelos autores.

Quadro 2 - Síntese dos artigos incluídos na revisão sobre ações de inclusão da transexualidade e combate a transfobia na escola. Recife, PE, Brasil, 2020

Autores/ Ano/ País/ Base de dados	Título	Delineamento do estudo/ Nível de evidência	Principais resultados
RYAN, PATRAW, BEDNAR 2013 EUA CINAHL	Discussing Princess Boys and Pregnant Men: Teaching About Gender Diversity and Transgender Experiences Within an Elementary School Curriculum	Estudo Qualitativo VI	Ao tornar as discussões sobre diversidade de gênero um tema recorrente no currículo, os alunos aprenderam a questionar sistemas sociais restritivos, pensar de forma mais inclusiva sobre a expressão e identidade de gênero e aplicar esse conhecimento a outras experiências. As respostas dos alunos a estas lições indicam que as crianças em idade escolar estão prontas para um currículo inclusivo.
GREYTAK, KOSCIW, BOESEN 2013 EUA CINAHL	Putting the "T" in "Resource": The Benefits of LGBT Related School Resources for Transgender Youth	Estudo Quantitativo VI	Todos os quatro recursos examinados - alianças gays-heterossexuais (GSAs), educadores de apoio, currículos inclusivos para LGBT e políticas abrangentes de anti-bullying/anti-assédio, que incluem proteções específicas para estudantes LGBT estavam relacionados à diminuição do absenteísmo e níveis mais baixos de vitimização, indicando que os recursos proporcionaram benefícios para os estudantes LGBT transgêneros e cisgêneros, mas os efeitos positivos de políticas e GSAs foram ainda mais fortes para jovens transgêneros.
GOODRICH, BARNARD 2019 EUA CINAHL	Transgender and gender non-conforming students in schools: one school district's approach for creating safety and respect	Estudo Qualitativo VI	Criação de uma organização de segurança cujo trabalho incluía advocacia para acabar com a discriminação, além de incentivar a liderança e o bem-estar. Os funcionários da escola foram incentivados a servir como "adultos seguros" na escola, permitindo que qualquer aluno possa procurar ajuda. Envolvimento de membros da comunidade com a criação de um conselho comunitário que discute a equidade dentro do bairro. Desenvolvimento de uma força tarefa LGBT que desenvolveu uma lista de recomendações para criar segurança e equidade para os estudantes LGBT no bairro.

Fonte: dados coletados pelos autores.

Um bom desenvolvimento profissional sobre como ensinar uma ampla gama de questões sociais aumentará a probabilidade de os professores modelarem os tipos de comportamentos inclusivos e o idioma que desejam que seus alunos aprendam. O grande problema é que pais e educadores, quando se deparam com as primeiras manifestações sexuais e de identidade de gênero da criança, assumem o papel de repressores e controladores, dissimulando, escondendo, proibindo e omitindo as curiosidades naturais. Essas manifestações acabam sendo explicadas para as crianças de modo distorcido ou por meio de inverdades; e, mediante a ausência de respostas, alguns mitos podem ir se transfigurando em verdades (NEARY, 2018). Daí a importância de trabalhar essas questões desde a infância, mas de forma lúdica e apropriada ao desenvolvimento cognitivo. Uma boa sugestão é utilizar a literatura infantil com obras de cunho não sexista que propiciarão diálogos sobre desigualdades de gênero, marcadores sociais de gênero, identidades de gênero, sexualidade, proporcionando, assim, a possibilidade de problematizar os regimes de verdade que governam as crianças e contribuir para uma educação em que as diversidades sejam respeitadas e aceitas como constituintes e legítimas da nossa sociedade plural (NEARY, 2018).

Estudode Goodrich e Barnard (2019) descreve estratégias desenvolvidas em um distrito escolar da cidade do Novo México, Estados Unidos da América/EUA, para atender as necessidades de estudantes transexuais nas escolas, e que podem ser implementadas em outros cenários, tais como a criação de organização de segurança na escola, treinamento de funcionários para intervir em situações de assédio, formação de conselho comunitário com membros de dentro e de fora da escola para discutir e garantir a equidade de direitos sociais para pessoas transexuais, desenvolvimento de força tarefa para criar recomendações de ajustes escolares a serem feitos quanto ao uso de banheiros, uniforme escolar, roupa para formatura, treinamento de professores e diretores, entre outros. Nesse sentido, é importante verificar os recursos e as estratégias viáveis para cada local, a exemplo do estudo de Greytak, Kosciw e Boesen (2013) realizado em Nova York (NY) que examinou a disponibilidade e a eficácia dos recursos escolares relacionados a lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros mostrando que a existência de clube estudantil LGBT, educadores de apoio para a temática da sexualidade e da identidade de gênero, currículo inclusivo para as questões LGBT e políticas anti-*bullying* abrangentes com proteção específica de estudantes LGBT são positivos para diminuição do absenteísmo, do assédio e abandono escolar. No Brasil, através do PSE, o Enfermeiro tem a oportunidade de discutir o *bullying* transfóbico e transfobia, a cultura de paz, bem como questões que podem contribuir para o processo de saúde/doença de estudantes transexuais no cenário escolar (COSTA, *et al.* 2020), entretanto não foram encontrados estudos brasileiros que abordassem tais temáticas. As experiências com a transexualidade e a transfobia na escola foram predominantemente descritivas, porém com reduzido número de ações de intervenções educativas, inclusive nada foi encontrado sobre o uso de tecnologias educacionais para esse fim. Tais achados apontam para necessidade de incremento de intervenções no cenário escolar como forma de promover educação em saúde e garantir acesso a educação formal para crianças, adolescentes e jovens transexuais, bem como a saúde escolar desses estudantes. Constituiu-se como limitação do estudo o reduzido número de publicações encontradas, principalmente no contexto nacional, o que sugere maiores investimentos em pesquisas nessa área, especialmente nos estudos de intervenção, e reforça a necessidade de inclusão da temática na educação básica e na saúde escolar.

CONCLUSÃO

Os artigos indicaram que os danos gerados pela transfobia comprometem o rendimento escolar, o sentimento de pertencimento e o clima escolar de estudantes transexuais, podendo levar a problemas de saúde mental, e que a atitude por parte dos professores para combater o assédio por questões da expressão e identidade de gênero é insuficiente e ineficaz. Os estudos indicam a necessidade de formação e treinamento de professores e profissionais da escola para combater a transfobia e garantir que o ambiente escolar seja seguro e

de respeito à diversidade sexual e de gênero. A eficácia de ações desenvolvidas para incluir o ensino das questões de identidade de gênero desde a infância, assim como ações de combate a transfobia na escola também foram descritas nos estudos mostrando ser possível a adoção de estratégias apropriadas para o cenário escolar. Nesse processo, urge a elaboração de políticas governamentais que estimulem e acobertem professores a agir mediante casos de transfobia, assim como a obrigatoriedade de incluir nos conteúdos curriculares a temática da diversidade de gênero. As contribuições dessa revisão remetem também ao papel do enfermeiro em ampliar o debate desse assunto no cenário escolar enquanto membro operador nas atividades de promoção da saúde nas dimensões clínico-assistencial e técnico-pedagógica, em ações do Programa Saúde na Escola.

REFERÊNCIAS

- Apostolidou Z. Homophobic and transphobic bullying within the school community in Cyprus: a thematic analysis of school professionals', parents' and children's experiences. *Sex Education* [internet]. 2019 [acesso em: 15 out. 2020];20(1):46–58. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681811.2019.1612347>
- Bartholomaeus C, Riggs DW. Whole-of-school approaches to supporting transgender students, staff, and parents. *International Journal of Transgenderism*. [internet]. 2017 [acesso em: 10 out. 2020];18(4):361–66. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15532739.2017.1355648>
- Broockman D, Kalla J. Durably reducing transphobia: A field experiment door-to-door canvassing. *Science* [internet]. 2016 [acesso em: 15 out. 2020];352(6282):220-224. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.aad9713>
- Caravaca-Morera JA, Padilha MI. Trans necropolitics: dialogues on devices of power, death and invisibility in the contemporary world. *Texto Contexto Enferm*. [internet]. 2018 [acesso em: 15 out. 2020]; 27(2):e3770017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018003770017>
- Costa RLT, Marcheti MA, Teston EF, Solon S, Marques FB, Knoch M, Bezerra AM. Health education and adolescence: challenges for family health strategy. *Cienc. Cuid. Saúde* [internet]. 2020 [acesso em 30 abr. 2021]. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v19i0.55723>
- Critical Appraisal Skills Programme (CASP). © Milton Keynes Primary Care Trust. 2013. All rights reserved.
- Day JK, Perez-Brumer A, Russell ST. Safe Schools? Transgender Youth's School Experiences and Perceptions of School Climate. *Journal of Youth and Adolescence* [internet]. 2018 [acesso em: 10 out. 2020];47:1731–1742. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0866-x>
- Ekstrand M, Engblom C, Larsson M, Tyden T. Sex education in Swedish schools as described by young women. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care* [internet]. 2011 [acesso em: 10 out. 2020];16:210–224. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/13625187.2011.561937>
- Fedoroko B, Berredo L. O círculo vicioso da violência: pessoas trans e gênero-diversas, migração e trabalho sexual. *Transgender Europe*, [internet]. 2017 [acesso em: 03 out. 2020]. Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/01/TvT-PS-Vol19-2017.pdf>
- Fineout-Overholt E, Melnyk BM, Stillwell SB, Williamson KM. Evidence-Based Practice Step by Step: Critical Appraisal of the Evidence: Part I. *American Journal of Nursing*. 2010; 110(7):47–52. doi: 10.1097/01.NAJ.0000383935.22721.9c
- Goodrich K, Barnard J. Transgender and gender non-conforming students in schools: one school district's approach for creating safety and respect. *Sex Education* [internet]. 2019 [acesso em: 10 out. 2020];19(2):212–225. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681811.2018.1490258>
- Greytak EA, Kosciw JG, Boesen MJ. Putting the “T” in “Resource”: The Benefits of LGBT-Related School Resources for Transgender Youth. *Journal of LGBT Youth* [internet]. 2013 [acesso em: 10

- out. 2020];10:45–63. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19361653.2012.718522>
- Millera SJ, Mayob C, Luggc CA. Sex and gender in transition in US schools: ways forward. *Sex education*, [internet]. 2018 [acesso em: 10 out. 2020];18(4):345–359. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681811.2017.1415204>
- Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum: Educação é a base. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2018.
- Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG, The PRISMA Group. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiol Serv Saúde*. 2015;24(2):335-342. doi: 10.5123/S1679-49742015000200017
- Murchison GR, Agénor M, Reisner SL, Watson RJ. School Restroom and Locker Room Restrictions and Sexual Assault Risk Among Transgender Youth. *Pediatrics*. [internet]. 2019 [acesso em: 10 out. 2020];143(6). Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2018-2902>
- Neary A. New trans visibilities: working the limits and possibilities of gender at school. *Sex Education* [internet]. 2018 [acesso em: 08 out. 2020];18(4):435–48. Disponível em: <http://doi.org/10.1080/14681811.2017.1419950>
- Neli F. Transfobia e cotidiano escolar: impactos na relação docente/discente. *Revista de Educação Pública* [internet]. 2018 [acesso em: 02 out. 2020];27(1):469-86. Disponível em: <http://doi.org/10.29286/rep.v27i65/1.6592>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Out in the open: Education sector responses to violence based on sexual orientation and gender identity/ expression. Paris, France: UNESCO; 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244756>
- Ouzzani M, Hammady H, Fedorowicz Z, Elmagarmid A. Rayyan – a web and mobile app for systematic reviews. *Syst Rev*. 2016;5:210. doi: 10.1186/s13643-016-0384-4
- Pessoa LC, Pereira R, Toledo R. Ensinar gênero e sexualidade na escola: desafios para a formação de professores. *Revista Estudos Aplicados em Educação* [internet]. 2017 [acesso em: 09 out. 2020];2(3):18-32. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/rea-e.vol2n3.4729>
- Ryan CL, Patraw JM, Bednar M. Discussing Princess Boys and Pregnant Men: Teaching About Gender Diversity and Transgender Experiences Within an Elementary School Curriculum. *Journal of LGBT Youth* [internet]. 2013 [acesso em: 10 out. 2020];10:83–105. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19361653.2012.718540>
- Roy Rosenzweig Center for History. Zotero. George Mason University [Internet]. 2020 [acesso em: 08 out. 2020]. Available from: <https://www.zotero.org/>
- Sousa LMM, Marques Vieira CMA, Severino SSP, Antunes AV. A Metodologia de Revisão integrativa da literatura em Enfermagem. *Revista Investigação Enfermagem* [internet]. 2017 nov. [acesso em: 15 mai. 2020]; 1(1): 17-26]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321319742_Metodologia_de_Revisao_Integrativa_da_Literatura_em_Enfermagem
- Taylor C, Peter T. “We Are Not Aliens, We’re People, and We Have Rights.” Canadian Human Rights Discourse and High School Climate for LGBTQ Students. *Canadian Review of Sociology*, [internet]. 2011 [acesso em: 10 out. 2020]. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1755-618X.2011.01266.x>
- Ullman J. Breaking out of the (anti)bullying ‘box’: NYC educators discuss trans/gender diversity-inclusive policies and curriculum. *Sex Education* [internet]. 2018 [acesso em: 10 out. 2020];18(5):495–510. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681811.2018.1431881>
- Ursi ES, Galvão CM. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Rev Latino-am Enfermagem* 2006;14(1):124-31. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000100017>
- Westwater JJ, Riley EA, Peterson GM. What about the family in youth gender diversity? A literature review. *International Journal of Transgenderism*, [internet]. 2019 [acesso em: 05 out. 2020]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15532739.2019.1652130>
